GUERRA NO LESTE EUROPEU

Chance à diplomacia

Donald Trump admite participar de uma reunião com os presidentes da Rússia, Vladimir Putin, e da Ucrânia, Volodymyr Zelensky. Chefe do Kremlin e enviado especial da Casa Branca conversam em Moscou. Prazo dado por Washington termina amanhã

» RODRIGO CRAVEIRO

Gavriil Grigorov/AFP

Putin (E) cumprimenta o emissário de Washington, Steve Witkoff, antes de reunião na capital russa: conversa "muito útil e construtiva"

A menos de 48 horas do fim do prazo estipulado pelos Estados Unidos para que a Rússia apresente progressos tangíveis rumo a um acordo de cessar-fogo, o presidente Donald Trump fez gestos antagônicos, ontem. O republicano anunciou uma tarifa adicional de 25% à Índia por comprar petróleo russo e deixou claro que pretende impor sanções a parceiros comerciais de Moscou, apesar das negociações. Ao mesmo tempo, demonstrou o desejo de reunir-se com os presidentes Vladimir Putin (Rússia) e Volodymyr Zelensky (Ucrânia), pouco depois de o enviado especial de Washington, Steve Witkoff, ser recebido pelo chefe do Kremlin. "Existe uma alta probabilidade de uma reunião muito em breve", confirmou o presidente americano, ao citar Putin. O jornal *The New York Times* informou que o encontro tripartite pode ocorrer na próxima semana. A intenção de Trump é conversar, primeiro, com Putin, para depois falar com Zelensky.

Trump comemorou o que qualificou de "reunião muito produtiva" entre Witkoff e Putin sobre os esforços para pôr fim à guerra na Ucrânia. "Fizemos grandes avanços!", escreveu em sua plataforma Truth Social. O provável encontro teria sido debatido durante uma ligação entre Trump e Zelensky. Uma fonte ucraniana de alto escalão revelou que o telefonema contou com a participação do secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Mark Rutte; do chanceler da Alemanha, Friedrich Merz; do premiê do Reino Unido, Keir Starmer; e do presidente da Finlândia, Alexander Stubb.

O republicano anunciou que informou aos aliados europeus sobre os avanços. "Todos concordamos que esta guerra deve chegar ao fim, e vamos trabalhar para alcançar isso nos próximos dias e semanas", afirmou. O secretário de Estado americano, Marco Rubio, adotou a cautela e explicou que "ainda há muito trabalho pela frente" antes da reunião tripartite.

No mesmo tom de Trump, o Kremlin elogiou o encontro de três horas entre Putin e Witkoff. "Aconteceu uma conversa muito útil e construtiva", declarou à imprensa o conselheiro diplomático de Putin, Yuri Ushakov. Ele acrescentou que Moscou "enviou alguns sinais" sobre a Ucrânia. As imagens divulgadas pelo serviço de imprensa do Kremlin mostraram o líder russo e o enviado da Casa Branca sorridentes, cumprimentando-se, em uma sala luxuosa da sede do Executivo.

O ucraniano Olexiy Haran, especialista em política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, lembrou ao **Correio** que Trump assinou um decreto ampliando as sanções à Índia por comprar petróleo da Rússia. "Essas medidas serão implementadas em três semanas; portanto, ainda há tempo para o governo indiano evitá-las", disse. "Não sabemos quais os resultados concretos da reunião entre Witkoff e Putin. Witkoff não é diplomata, não sabe muito, nem é eficiente para lidar com Putin ou com o Oriente Médio", acrescentou. O estudioso acredita que Putin está pronto a fazer alguma concessão para evitar sanções, antes de amanhã, quando expira o prazo dado por Trump.

Por sua vez, o cientista político ucraniano Taras Zahorodny — sócio-gerente do Grupo Nacional Anticrise (em Kiev) — aposta que os EUA deverão impor restrições adicionais sobre as exportações de petróleo russo, sejam elas sanções secundárias ou à frota paralela. "Pode haver algumas limitações relacionadas à realização de transações financeiras para a exportação de petróleo russo. Mas a guerra continuará porque a China apoia a Rússia e compra seu petróleo", disse ao **Correio**. Zahorodny mostra ceticismo, apesar da provável reunião entre Kiev e Moscou. "Putin seguirá lutando. É importante o contexto. Os americanos dizem que foi Putin quem sugeriu um encontro com Trump em algum momento. Trump concordou, caso isso acabasse com a guerra. Trump não se encontrará com Putin, a menos que ele tenha certeza do resultado", advertiu.

Roman Pilipey/AFP

Flores e brinquedos em memorial a vítimas de ataque russo, em Kiev

Índia

Depois de uma série de acenos do primeiro-ministro Narendra Modi ao líder da Casa Branca, Trump assinou uma ordem executiva que adiciona 25% às tarifas cobradas dos produtos indianos, em resposta à "contínua compra" de petróleo da Rússia. O texto determina a aplicação da tarifa aduaneira a partir de três semanas — a taxa se soma a outra de 25%, que deve entrar em vigor hoje. A nova sanção não valerá para produtos sujeitos a tarifas específicas, como o alumínio e o aço, e sobre semicondutores e fármacos. "Estimo que impor tarifas (...) além das outras medidas tomadas para responder à emergência nacional será mais eficaz para gerenciar essa ameaça", acrescenta Trump no decreto, referindo-se à capacidade da Rússia de financiar o conflito na Ucrânia. O documento firmado pelo republicano qualifica essa possibilidade como "uma ameaça incomum e extraordinária para a segurança nacional e para a política externa dos EUA".

Eu acho...

Arquivo pessoal

"Trump fará algo contra a Rússia. Ele tentará demonstrar que não foi enganado por Moscou. Existe possibilidade de a Rússia fazer concessões em relação a um cessar-fogo parcial, a fim de vitar sanções. Acho que Trump deseja fechar uma trégua, ou mesmo a paz definitiva. Mas, neste momento, não acho que ele queira recuperar a integridade territorial da Ucrânia. Ele ainda não está pronto para apoiar uma ofensiva ucraniana contra a Rússia."

Olexiy Haran, especialista em política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla

Arquivo pessoal

"Enquanto Vladimir Putin estiver no poder, enquanto permanecer vivo, ele continuará lutando. Para o presidente russo, essa é uma questão fundamental. Ele não pode se dar ao luxo de sequer parar na linha de demarcação da guerra com a Ucrânia e suspender os combates. Isso representaria uma derrota para ele. Derrota significaria perda do próprio poder. No contexto russo, significaria perda de vida."

Taras Zahorodny, cientista político e sócio-gerente do Grupo Nacional Anticrise (em Kiev)

ORIENTE MÉDIO

Netanyahu decide hoje sobre ocupação de Gaza

A fome e o desespero foram responsáveis por mais uma tragédia dentro de uma tragédia na Faixa de Gaza. Na véspera de uma reunião do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, para decidir sobre a ocupação total do território, um acidente envolvendo um caminhão deixou 22 palestinos mortos. "O caminhão tombou quando centenas de civis esperavam por ajuda alimentar na área de Nuseirat, no centro da Faixa de Gaza", informou à agência France-Presse (AFP) o porta-voz da Defesa Civil, Mahmud Bassal.

Em Jerusalém, o ministro da Defesa israelense, Israel Katz, advertiu que as Forças de Defesa de Israel (IDF) serão obrigadas a "executar" as decisões políticas tomadas pelo gabinete. Katz procurou minimizar a oposição do chefe das Forças Armadas, general Eyal Zamir, em relação à ampliação da operações militares em Gaza até a "derrota completa" do grupo terrorista Hamas.

Em guerra contra o Hamas desde o ataque do movimento islamista palestino em seu território, em 7 de outubro de 2023, o governo israelense enfrenta uma pressão cada vez mais intensa para encontrar uma solução para o conflito. Nos últimos dias, ela aumentou ainda mais com os vídeos divulgados pelo Hamas e pela Jihad Islâmica que mostram dois reféns israelenses, Evaytar David e Rom Braslavski, muito debilitados e magros.

"É direito e dever do comandante do Estado-Maior expressar sua posição nos fóruns apropriados", declarou o titular da Defesa. "Mas, depois que as decisões forem tomadas na esfera política, o Exército as executará com determinação e profissionalismo (...) até que os objetivos sejam alcançados", sublinhou, na rede social X. Na terça-feira, Zamir advertiu sobre o risco da intensificação dos combates em Gaza levar à morte dos 20 reféns remanescentes. Ele chegou a alertar sobre uma "armadilha".

O líder da oposição, Yair Lapid, considerou que "o caminho que o governo está seguindo levará à morte de todos os reféns por fome, agressões e tortura". Também na terça-feira, Netanyahu defendeu que "é necessário derrotar totalmente o inimigo em Gaza, libertar todos os nossos reféns e garantir que Gaza não constitua mais uma ameaça para Israel".

Eyad Baba/AFP

Palestinos observam pacotes de ajuda lançados de paraquedas

Acidente

Porta-voz do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da Organização das Nações Unidas (OCHA), Jens Laerke esclareceu ao **Correio** que o caminhão carregava mercadorias, não suprimentos humanitários. "Continuamos enfatizando que um cessar-fogo é extremamente necessário para alcançar todos os necessitados. Pedimos a facilitação contínua de um fluxo de assistência sustentado, ininterrupto e ampliado", disse.

61.158

Total de mortos na ofensiva lançada por Israel na Faixa de Gaza, segundo dados do Ministério da Saúde do território, governado pelo Hamas. A ONU considera os dados confiáveis.

O Hamas denunciou que, "apesar da recente autorização limitada para alguns caminhões de ajuda (entrarem na Faixa de Gaza), o ocupante (Israel) obstrui deliberadamente a passagem segura e a distribuição da ajuda". "Isto obriga os motoristas a seguir rotas lotadas de civis famintos", acrescentou.

Caroline Willemen, uma diretora da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), denunciou a "crise da fome" em Gaza e insistiu que a situação é "devastadora". "Continuamos vendo pacientes sendo baleados ou esmagados em locais de distribuição de ajuda", acrescentou nas redes sociais.

O Exército israelense, por meio de seu porta-voz em árabe, instou a população a evacuar dois bairros de Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza, onde vai ampliar "o campo de suas operações de combate", assim como vários blocos de edifícios da zona de Al Zaytun, na Cidade de Gaza, no norte do território.